

“E SE FOSSE AO CONTRÁRIO?” DJONGA E FANON: UM DIÁLOGO SOBRE RACISMO E ALIENAÇÃO*

“WHAT IF IT WAS THE OTHER WAY AROUND?” DJONGA AND FANON: A DIALOGUE ON RACISM AND ALIENATION.

FERREIRA, Rogério Leão**

<https://orcid.org/0000-0002-9713-8633> 

SOUSA Fábio da Silva***

<https://orcid.org/0000-0001-9767-9248> 

RESUMO: A partir do livro "Pele negra, máscaras brancas", de Frantz Fanon (2008) procura-se dialogar sobre os constructos teóricos do autor quanto ao processo de alienação do homem negro. Nesse contexto, remete-se à linguagem simbólica de Djonga presente no álbum "Ladrão" produzido em 2019, e o videoclipe do rap Hat-Trick, no qual é possível constatar o dia de um negro com o rosto pintado de branco, o rapper acorrentado como escravo surge no vídeo "pendurado" no pescoço do personagem que interpreta a cena. O objetivo é apresentar as ideias de Djonga e Fanon sobre a alienação que ocorre no processo de escravidão e no choque do racismo que com seu impacto devastador desvela e determina as engrenagens dessa alienação. Ao perceber o racismo cada vez mais presente, admite-se a importância das ideias de Djonga e Fanon sobre como se engajar contra o sistema opressor.

Palavras-chave: Frantz Fanon; Djonga; racismo.

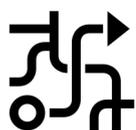
ABSTRACT: From the book "Black skin, white masks", by Frantz Fanon (2008), an attempt is made to discuss the author's theoretical constructs regarding the alienation process of black men. In this context, reference is made to the symbolic language of Djonga present in the album "Thief" produced in 2019, and the rap video clip: "Hat-Trick", which shows the day of a black man with his face painted white, the rapper chained as a slave appears in the video "hanging" around the neck of the character who plays the scene. The objective is to present Djonga and Fanon's ideas about the alienation that occurs in the slavery process and in the shock of racism that with its devastating impact unveils and determines the gears of this alienation. In realizing the increasingly present racism, the importance of Djonga and Fanon's ideas on how to engage against the oppressive system is admitted.

Keywords: Frantz Fanon; Djonga; racism.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil.

** Graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Câmpus de Aquidauana e mestrando do curso de pós-graduação interdisciplinar em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Câmpus de Aquidauana/PPGCult. E-mail: rogerioleao86@gmail.com.

*** Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista/UNESP/Assis, docente e coordenador do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Câmpus de Nova Andradina e docente permanente do curso de pós-graduação interdisciplinar em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Câmpus de Aquidauana/PPGCult. E-mail: fabio.sousa@ufms.br.



INTRODUÇÃO

Podemos observar que historicamente existe uma ação política e epistêmica que é formulada e engendrada de forma prática por parte daqueles que ocupam o poder e o espaço hegemônico da sociedade global, dessa forma é construída uma rede de instalados no poder que arquitetam e executam o plano de subalternização do “outro” ao colocar em andamento um amplo projeto de segregação, de ódio, de privilégios e que, sobretudo, nega as diferenças a partir de um processo de estigmatização de diferentes sujeitos da sociedade.

A discussão a respeito do racismo e da possível alienação do homem negro é um campo de debate contestador, seja no cotejo das expressões culturais ou na perspectiva da construção dos saberes e conhecimento. Saberes esses tantas vezes reprimidos por uma estrutura colonizadora, eurocêntrica e imperialista, que de certo modo busca legitimar a hegemonia branca numa sociedade construída pela pluralidade, mas não em prol desta.

Nesse sentido, a identidade negra se viu forçada a sucumbir cada vez mais ao “embranquecimento” e as “máscaras” não eram outras senão um modo de ser aceito, um meio de sobrevivência, numa estrutura que exclui e assassina, seja em representações estéticas, quanto de modo geral aos modos de existência que não se enquadram aos padrões universalizantes.

Por outro lado, sempre houve a resistência que de modo algum se separa da vida e da própria forma de existir do negro, seja por meio da cultura oral, às expressões culturais e religiosas, “negros fazem da arte a sua trincheira”. Desse modo, o Samba, o Funk, o Rap, o Jazz e tantos outros estilos musicais e outras expressões artísticas cumprem uma função maior que a meramente estética, ainda que seja essa inquestionável e, além disso, propagam a vida, a existência e o grito daqueles que não puderam ser ouvidos.

Assim, esse artigo tem como objetivo discutir sobre o processo do racismo e da alienação do homem negro na sociedade operante, portanto remete-se essa ideia ao clássico de Frantz Fanon, “Pele negra, máscaras brancas”, publicado originalmente em 1952 e também à produção musical do videoclipe do *rapper* Djonga, *Hat Trick*, primeira faixa que compõe o álbum “Ladrão”, lançado em 13 de março de 2019. Esse título foi criado pelo *rapper* ao fazer uma alusão discriminatória que é dada por parte da sociedade as pessoas negras, um estereótipo negativo e depreciativo. Em Djonga, a expressão “Ladrão” significa também “tomar de volta” e trazer “para os seus” o que lhes fora roubado. Esse projeto já fica explícito na capa do referido álbum:



Figura 1: capa e contracapa do álbum “Ladrão”, do *rapper* Djonga.
Fonte: <https://rollingstone.uol.com.br/Djongaladrao>
 Acesso: **Acesso:** 15 out. 2020

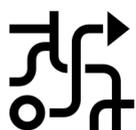
Na capa do álbum, o *rapper* já se apresenta para o que veio: coberto de ouro segurando uma cabeça ensanguentada de um membro da *Klu Klux Klan*. Na contracapa, podemos visualizar os avós fundadores da velha guarda da Mocidade Alegre ao assentar em uma mesa farta, com comida, chandon, ouro e a mesma cabeça do racista sobre a mesa, repousando como um prêmio.

Com um roteiro contestador, Djonga, ao interpretar as cenas em frente às câmeras apostou em um audiovisual contundente e de muito conceito fugindo do padrão estético hegemônico, como sinaliza na letra do rap “ [...] Me desculpa aí/ Mas não compro seu branqueamento de MC/ Eu sigo falando o que eu vejo/ Tem uns irmão que tá falando o que essa mídia quer ouvir” (DJONGA. *Hat-Trick*, 2019).

A REVOLUÇÃO EM FRANTZ FANON

A partir das leituras de Frantz Fanon, podemos afirmar que uma das principais - senão a principal - características de uma sociedade pós-colonial é o racismo, inserido em um sistema hierárquico que divide a humanidade em superiores e inferiores mediante um sistema de marcas, de acordo com a histórica específica de cada país ou região. Esta linha divisória entre superiores e inferiores tem uma profunda repercussão sobre o que entendemos como humano.

No prefácio do clássico “Pele negra, máscaras brancas”, Lewis R. Gordon apresentou uma breve biografia de Fanon, a ver:



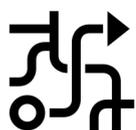
Fanon é mais conhecido como um revolucionário. Nascido na ilha da Martinica em 20 de julho de 1925, era um homem carismático de grande coragem e brilho, tendo lutado junto às forças de resistência no Norte da África e na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, ocasião em que foi por duas vezes condecorado por bravura. Após completar seus estudos em psiquiatria e filosofia na França, dirigiu o Departamento de Psiquiatria do Hospital Blida-Joinville na Argélia (hoje renomeado como Hospital Frantz Fanon) e tornou-se membro da Frente de Libertação Nacional da Argélia, entrando, assim, na lista de cidadãos procurados pela polícia em todo o território francês. Todo o resto de sua vida foi dedicado a esta batalha, enfatizando sua importância na luta para transformar as vidas dos condenados pelas instituições coloniais e racistas do mundo moderno. Fanon morreu de pneumonia em 6 de dezembro de 1961 em Bethesda, estado de Maryland, nos Estados Unidos, enquanto buscava tratamento para sua leucemia. (GORDON, 2008, p.11).

“Pele negra, máscaras brancas” foi impresso quando Fanon tinha 27 anos de idade, mas a sua escrita ocorreu quando o autor tinha 25 anos. A princípio tinha como destino ser sua tese de doutorado em psiquiatria, porém foi recusada pelos membros da comissão julgadora que optaram por estudos que abarcassem uma abordagem de cunho “positivista” no ramo da psiquiatria, exigindo mais fundamentações físicas para investigações de fenômenos ligados a psicologia.

Todavia, Fanon não se arrependeu da escrita de sua obra e, com muito esforço, obteve o título de doutorado. Tais reflexões estão presentes na introdução do clássico.

Este livro deveria ter sido escrito há três anos... Mas então as verdades nos queimavam. Hoje elas podem ser ditas sem excitação. Essas verdades não precisam ser jogadas na cara dos homens. Elas não pretendem entusiasmar. Nós desconfiamos do entusiasmo. Cada vez que o entusiasmo aflorou em algum lugar, anunciou o fogo, a fome, a miséria... E, também o desprezo pelo homem. O entusiasmo é, por excelência, a arma dos impotentes. Daqueles que esquentam o ferro para malhá-lo imediatamente. Nós pretendemos aquecer a carcaça do homem e deixá-lo livre. Talvez assim cheguemos a este resultado: o Homem mantendo o fogo por autocombustão. O Homem liberado do trampolim constituído pela resistência dos outros, ferindo na própria carne para encontrar um sentido para si. (FANON, 2008, p.27).

Os pensamentos de Fanon influenciaram a política, a sociedade, a literatura, os Estudos Culturais e a filosofia, tanto, que hoje há centros, clínicas e hospitais que foram fundados em sua memória. Além de “Pele negra, máscaras brancas” Fanon também escreveu “Os condenados da terra” em 1961, obra publicada postumamente e produzida durante um período de dez semanas, quando ele já sofria de leucemia.



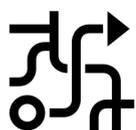
Ao compreendermos a leitura da obra de Frantz Fanon, descobrimos que para deixar de sermos alienados, não é suficiente transformar nossa visão de mundo do ponto de vista cognitivo intelectual, é preciso sair do estado de inércia, da zona de conforto e investidos de autonomia engajarmo-nos numa luta concreta e prática. Denota-se no transcorrer da obra, o quanto a análise psíquica ou aquilo que se refira ao sistema de funcionamento mental do sujeito estava tão presente em seu modo de ver e interpretar a vida e a produção de significados:

Não sentiremos nenhuma piedade dos antigos governantes, dos antigos missionários. Para nós, aquele que adora o preto é tão "doente" quanto aquele que o execra. Inversamente, o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco. Em termos absolutos, o negro não é mais amável do que o tcheco, na verdade trata-se de deixar o homem livre. (FANON, 2008, p. 26).

Assim, percebe-se em Fanon que a alienação pela cor é provocada pelos efeitos da escravidão e do colonialismo a fim de conservar a exploração econômica da dominação colonial, no choque provocado pelo racismo com seus efeitos nefastos em reproduzir as hierarquias que regem essas relações raciais. O autor vai se debruçar a analisar as patologias que nascem da internalização do racismo pelos negros ao ponto de sentir a vergonha de si mesmo, o duplo narcisismo, a relação com a linguagem, a relação sexual afetiva, os complexos de inferioridade e a fascinação pelo branco.

Fanon leva em conta o entendimento do que seja a relação identitária do ser negro-branco que perpassa por um filtro de um "duplo narcisismo" que se manifesta como um aprisionamento. Em suas palavras, "O branco está fechado na sua brancura. O negro na sua negrura". Tal dicotomia gera nesse contexto um círculo altamente dependente e vicioso "Nossos esforços foram guiados apenas pela preocupação de pôr fim a um círculo vicioso". Desta forma, existem brancos que se consideram superiores aos negros e existem "[...] alguns negros querem, custe o que custar, demonstrar aos brancos a riqueza do seu pensamento, a potência respeitável do seu espírito". (FANON, 2008, p. 27).

Denota-se, portanto que a representação de si dentro dessas categorias se constrói na relação de oposição ao outro. Ou seja, para Fanon, dentro desse sistema, resta apenas uma alternativa ao colonizado que deseja se valorizar: ocupar o lugar do outro, pois só o outro pode ser completo. O negro deve tentar sob todo custo tornar-se branco. Essa negação de si coloca o colonizado numa posição neurótica, num confronto psíquico contra si próprio



e como consequência nasce nele um “complexo de inferioridade”. É justamente deste complexo que o colonialismo europeu se apropria e deste se alimenta.

Este círculo movido como que um vício corresponde ao complexo de inferioridade do negro que tem como correlato natural o complexo de superioridade do branco. Fanon coloca a questão dessa maneira quando afirma: “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado”. (FANON, 2008, p. 90).

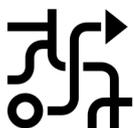
Para podermos compreender como é o processo de alienação do negro e do branco, se faz necessário atermos ao modo de relação psíquica social desses sujeitos, portanto, ao remeter essa ideia, Fanon nos traz a problemática vivenciada pelo homem de cor. O autor nos alerta que “A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial. Mostraremos, em outra parte, que aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco” (FANON, 2008, p. 30). A indagação que persiste é “Que quer o homem? Que quer o homem negro? O autor chega a afirmar que mesmo expondo-se ao ressentimento de seus irmãos de cor, que “o negro não é um homem”. (FANON, 2008, p. 26).

A colonização retira a identidade e o espírito do oprimido, e limita a tal povo à falta de ser. Então, podemos perceber que a sociedade colonial existe de forma maniqueísta, onde para os brancos foi privilegiada a zona do ser e ao indivíduo negro restou a zona do não ser.

O negro ao se situar na “zona do não ser” só existe enquanto corpo quando o europeu identifica os seus saberes que serão associados ao corpo, daí vem as insinuações do tipo “a negra é quente, o negro é forte, tem gingado, bom corredor etc.”. Como reforça o autor: “O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender deste “diferente”, isto é, de caracterizar o Outro.” (FANON, 2008, p.147).

Esse tipo de alusão animalesca é fruto de uma conceituação da mentalidade europeia que remete a inferiorização do negro e que terá como critério a vinculação direta entre o negro e a sua possível potência sexual, corpórea e biológica. Constrói-se assim uma categoria de ser humano taxado como ameaça e medo por parte do europeu, uma categoria de menos “civilizados”, na medida em que, ao contrário dos europeus, são reféns dos impulsos relacionados a agressividade, impulsos musculares e sobretudo impulsos sexuais.

Depreende-se disso o que Deivison Mendes Faustino nos traz ao afirmar que:



Para Fanon, portanto, o “preto é um objeto fobógeno e ansiógeno” que se torna depositário – epidermiza – todas as projeções fetichizadas daquilo que “falta” ao branco. O autor explica ainda que a fobia é um medo irracional, pré- lógico, em relação a algum *objeto* real ou imaginado, pois “A fobia é uma neurose caracterizada pelo temor ansioso de um objeto (no sentido mais amplo de tudo o que é exterior ao indivíduo) ou, por extensão, de uma situação” (FANON, 2008: 136-137). “Ter a fobia do preto é ter medo do biológico. Pois o preto não passa do biológico. É um animal. Vive nu” (FANON, 2008: 143). O negro é corpo e, como corpo, com seu membro exageradamente avantajado, hiper sexualizado e o mais próximo possível dos impulsos naturais (ou animais) e primitivos (FANON, 2008: a14), desajusta o esquema corporal do branco(a). Tem-se aqui, explica Fanon, um misto masoquista de repulsa e desejo que explica por que a maioria dos linchamentos ocorridos na primeira metade do século XX nos Estados Unidos eram acompanhados pela extração literal dos pênis dos homens assassinados. Ao se referir a essas representações, Fanon chega dizer que elas se convertem em um desejo masoquista de auto- violação, expresso em homens brancos que procuram homens negros para manter relações sexuais com suas esposas ou em mulheres que afirmam que depois de ter “deitado” com um negro nunca mais teve prazer com outro “tipo” de homem. (FAUSTINO, 2015, p.69).

Ao estar inserido em um mundo em que o critério de humanidade e universalidade é branco, a única possibilidade que eu tenho de me “humanizar” ou ser reconhecido como humano é a via do “embranquecimento” é, portanto, vestindo as máscaras brancas. A verdadeira desalienação do negro, como anuncia Fanon, “implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais”. (FANON, 2008, p. 28)

Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco. Antes de abrir o dossiê, queremos dizer certas coisas. A análise que empreendemos é psicológica. No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo: — inicialmente econômico; — em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade. (FANON, 2008, p.28)

Portanto, podemos entender assim que essa tomada de consciência deve ser pautada por uma análise que ultrapasse a dimensão meramente econômica da dominação. Sem uma identidade o negro tenta se fazer branco negando a si mesmo em busca do privilégio da sua existência social e da individualização.

Fanon traz uma provocação nos alertando para o risco da sedução da cultura dominante e chama-nos a atenção ao dizer que no processo de alienação a linguagem também tem um peso essencial, pois significa “empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de



uma civilização” (FANON, 2008, p. 33). Nesse sentido, nas entrelinhas, o autor aponta que “o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa”. (FANON, 2008, p. 34). Desse modo, o colonizado se vê obrigado a deixar sua cultura e sua própria língua de lado para adotar a linguagem do colono.

O autor descreve como jovens negros antilhanos ao emigrarem para a Europa e naquele contexto específico a França retornam de lá simbolicamente embranquecidos, transformados em franceses, dominando a sua língua e a sua cultura. O autor demonstra que o colonialismo não está baseado somente no poderio bélico e econômico das nações europeias, mas principalmente na diferença de raça:

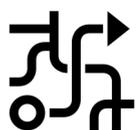
Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p. 34).

Além da experiência da língua há também uma mudança de personalidade que Fanon descreve do negro que conhece a metrópole e que se torna um “semideus”. O negro que já viveu na França quando retorna a sua terra volta radicalmente transformado. “Geneticamente falando, diríamos que seu fenótipo sofreu uma mutação definitiva, absoluta”, como se houvesse “realizado um ciclo”, como se houvesse “adicionado algo que lhe faltava”. Retornam, nos diz Fanon, “literalmente cheios de si”. (FANON, 2008, p. 35).

DJONGA E A “WHITE FACE”

O *rapper* mineiro Gustavo Pereira Marques, conhecido popularmente como Djonga, com 26 anos de idade cursou História na UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e desistiu no último semestre para se dedicar à música, ao enxergar nela a arte a qual o faria sair de sua zona de conforto. Dessa maneira, ao ingressar no *rap* produziu quatro álbuns na carreira. A saber: “Heresia” (2017), “O menino que queria ser Deus” (2018), “Ladrão” (2019) e “Histórias da minha área” (2020) todos gravados em 13 de março dos seus respectivos anos de lançamento.

O MC surge como destaque no *rap* Nacional numa ascensão avassaladora sendo o primeiro e único *rapper* brasileiro a ser indicado em prêmio internacional de *hip-hop*. Com letras afiadas e vídeo clipes contundentes, demonstra em sua produção artística uma



descolonização interessante ao engajar-se em uma luta antirracista que visa desconstruir a cultura branca apropriadora e hegemônica, que se traduz europeia e ocidental instituída, que desloca e apaga o saber de outros povos, seja da cultura africana, sul-americana ou até mesmo indígena em uma espécie de organização em círculo e hierarquização vertical.

O que podemos perceber, de maneira preliminar, é que Djonga já se referia a Franz Fanon, quando em 2017, aceitou fazer uma participação em um videoclipe de um *rap*. Em um dos trechos da letra, o MC já sinalizava sobre seu saber teórico. A ver: “[...] Frantz Fanon que o diga/ Tira essa máscara branca [...]”. (WELL feat. DJONGA. *Muito bem feito*, 2017).

O rap enquanto gênero musical é um dos elementos constitutivos da cultura *hip-hop* e traz em seu corpo estético a ligação entre palavra e som, oriundo das comunidades periféricas. O som em forma de ritmo e poesia aponta para uma dimensão política latente, que reivindica uma postura cidadã de seu participante, promovendo um tipo específico de compromisso social com a coletividade que o cerca. O *rapper* representa assim a voz de minorias sociais, cercadas por uma realidade em que se destacam a pobreza, a violência e o racismo, apresentando-se como elemento de resistência às opressões, como descrito por Roberto Camargos:

A importância dessa cultura/música para os debates em torno da sociedade contemporânea está, em termos gerais, no fato de que parte considerável dela constitui meios de expressão associados às classes populares e, sob seu prisma (de pessoas comuns, de trabalhadores) ganha corpo uma intrigante interface entre história, cultura, sociedade, protesto social e vida cotidiana [...] uma importante via para adentrarmos no terreno dos conflitos, das tensões e do poder que opera desigualmente na vida social, conduzindo-nos a repensar os processos sócio- históricos no Brasil atual (que, não raro é visto, com pessimismo pelos *rappers*) e as contradições que os cercam, mesmo quando a difusão do *rap* está associada, em alguma medida, à indústria cultural (particularmente a do entretenimento) e, por isso, seja tachado de alienante. (CAMARGOS, 2015, p. 18).

Assim, ao termos a oportunidade de conhecer o saber literário do MC e sua desenvoltura artística torna-se pertinente para esse estudo o fomento a tal pesquisa, pois ajudando-nos a observar o modo como retrata essa construção identitária em suas composições e produções áudio visuais e de que forma se traduz a sua postura de enfrentamento crítico e de resistência no rap.

Na criação da cenografia interpretada pelo artista se faz um questionamento sobre o tratamento racial instilado ao ser colonizado “E se fosse ao contrário?”, o roteiro perpassa

a conduta de um jovem negro periférico vivendo duas vidas, uma de branco e uma de negro, desvelando como é diferente o tratamento da sociedade de acordo com cada.

Na análise a seguir, podemos visualizar como é contextualizada, de forma minuciosa, a produção sobre *Hat-Trick* e qual a aproximação com as concepções críticas de Frantz Fanon.

O rapper introduz na filmagem um homem negro com o rosto pintado de branco. Na cena, é possível perceber uma negação por parte do personagem de si mesmo desprezando assim suas origens e outros negros que o cerca. O personagem ignora e se recusa a dialogar com as pessoas daquele ambiente social, seja na periferia de onde sai ou mesmo até o seu destino, em uma espécie de negação, de recusa a conhecer ou, ao menos, abrir diálogo com pessoas como ele, enquanto age como branco para ser aceito por outros brancos.



Figura 2: primeiras cenas do clipe *Hat-Trick*: o desprezo aos negros.
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE
Acesso: 15 out. 2020

Em seguida, o personagem negro se direciona para uma reunião onde demonstra estar feliz, por estar dividindo o mesmo espaço apenas com pessoas brancas, como, se de fato, esse fosse o seu lugar de merecimento e, sobretudo o “pódio conquistado”.



Figura 3: cena do clipe *Hat-Trick*: a alegria com pessoas brancas.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE

Acesso: 15 out. 2020

A partir desse momento, entra em cena Djonga que aparece no visual vestido com trajes de escravo com correntes nas mãos e com uma voz na cabeça do homem que tenta libertá-lo, ao mostrar o verdadeiro caminho a ser trilhado. Isso se concretiza quando o artista limpa o rosto branco do homem negro.



Figura 3: cena do clipe *Hat-Trick*: Djonga, uma voz descolonizadora.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE

Acesso: 15 out. 2020

Nesse momento, o MC assume o controle da situação ao aparecer no vídeo clipe a desconstruir a alienação do personagem por meio de sua voz na música. O que decorre desse encenar é uma reviravolta de sentido, o que provoca uma grande mudança, fazendo-o assumir seus valores, origens e se tornando humilde, no qual se destaca a frase “Ou tu vai ser mais um preto que passou a vida em branco?”:

Dinheiro é bom
Melhor ainda é se orgulhar de como tu conquistou ele (é)
Aquelas coisas, né, o que se aprende no caminho importa mais do que a chegada
Isso te faz seguir real, igual um filme de terror na direção de Jordan Peele
Aquelas coisa, né, quem vai com muita sede ao pote, 'tá sempre queimando largada
É pra nós ter autonomia, não compre corrente, abra um negócio
Parece que eu 'to tirando, mas na real 'to te chamando pra ser sócio
Pensa bem, tira seus irmão da lama, sua coroa larga o trampo
Ou tu vai ser mais um preto que passou a vida em branco?
(DJONGA. *Hat-Trick*, 2019)



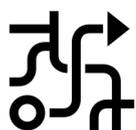
Figura 3: cena final do clipe *Hat-Trick*: o regresso as raízes.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE

Acesso: 15 out. 2020

Portanto, podemos verificar que no vídeo clipe da música o enredo da produção artística do *rapper* aborda o impacto do branqueamento no inconsciente do negro, ou seja, um tipo de estranheza de sua própria condição que reflete no próprio afastamento de si, o que resulta em uma blindagem cognitiva para recusar os valores e as condições de vida da população negra. O resultado que processa disso faz com que o negro, que é socialmente dominado, subordinado e inferiorizado por uma concepção original de seu ser, de sua individualidade e do seu grupo social, seja obrigado a tomar o branco e sua cultura como “modelo padrão” de identidade para se incorporar ao seu modo de vida social, comportamental, econômico, etc.

Daí nasce a figura do “negro que deseja ser branco” e da necessidade de uma mudança nesse pensamento, ainda enraizado na nossa sociedade, que é responsável pela tentativa de destruição da identidade de povos oprimidos. O tal personagem claramente não



se sente orgulhoso de ser um negro, negando suas origens e tentando se aproximar dos brancos.

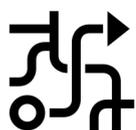
É interessante como Djonga reflete a alienação identitária do homem negro, assim especificada também na canção “O cara de óculos” do mais recente álbum “Histórias da minha área”. A ver “[...] O mano que critica fogo nos racista e é dos nosso, entende e vive, prova que nem o próprio preto tá pronto pra ver o preto livre [...]”. (DJONGA, *O cara de óculos*, 2020). Denota-se aqui que estar na zona do não ser, significa sobretudo um complexo traduzido em uma negação de seu comportamento e de sua cor. Nesse contexto, Fanon sinaliza:

O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial... E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem. São evidências objetivas que dão conta da realidade. (FANON, 2008, p. 33).

Portanto, ao vasculharmos nas entrelinhas a perspectiva sobre o racismo e as formas de alienação do homem de cor a partir do olhar de Fanon e agenciamento do *rapper* verificamos a missão do despertar o resgate as raízes e a autonomia de “seu povo”, como dito na letra do rap “[...] Do alto do morro, rezam pela minha vida / Do alto do prédio pelo meu fim [...]”. (DJONGA, *Hat-Trick*, 2019). A metáfora está bem posta nesses versos, em que é o morro que protege o negro, em sua história, magia e união, enquanto os prédios, dos executivos, dos homens brancos, bem explicitados visualmente no clipe, somente desejam a morte desses corpos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao problematizar o racismo enraizado na sociedade brasileira, o *rapper* e seu trabalho artístico mantém uma relação direta com o influente pensador francês Frantz Fanon e seus estudos sobre a psicopatologia da colonização. Ao trazer a pintura facial como uma espécie de máscara usada pelo protagonista do clipe, a crítica se torna mais do que presente. Oprimido, o personagem representa os entraves encontrados pelos negros para conseguirem se ver livres do lugar onde foram postos pela colonização. Daí nasce a figura do “negro que deseja ser branco”.



A produção audiovisual de Djonga chama a atenção pela simplicidade e a caracterização dos personagens. A criação do videoclipe *Hat-Trick* mantém essa regularidade. É modesto - sem megalomanias -, mas transmite as ideias do MC mineiro com objetividade. Segue conceitos básicos: a letra diz, o vídeo mostra.

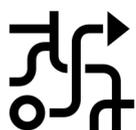
No argumento, Djonga explora o “preto de alma branca”, que nega suas origens e seus semelhantes para agradar a branquitude. Ao mesmo tempo que se sente livre, o negro está preso – é um escravo. A *white face* representa muito bem isso, sendo utilizada para causar desconforto. Inclusive, ele reitera algumas vezes a pergunta: e se fosse ao contrário?

De acordo com Franz Fanon, os comportamentos dos negros e colonizados são em suma o efeito de uma relação colonial cruel e desigual, desigualdade colonial essa que impõe e coloca o dominado em uma verdadeira situação física e psíquica neurótica que se traduz em opressão, insensibilidade, pavor e medo.

A fim de escapar dessa situação, Fanon faz-nos uma provocação ao sustentar que a solução não está em um discurso moral ou aquilo que se refira ao campo das ideias. Dessa forma, não é suficiente afirmar que o colonialismo, o racismo e seus efeitos são nefastos, rudes e ruins, é preciso tomar uma atitude concreta ao me investir da contra violência e sobretudo constatar-me enquanto sujeito alienado. Assim, ao reconhecer essa situação eu me desapego da cauterização e condicionamento mental em busca da emancipação e liberdade.

Desse modo, se depreende nesse contexto que se requer uma operação muito mais profunda que tem, para Fanon, uma relação com seu compromisso, sua militância de conhecimento e causa. Para ele, o homem precisa ser liberto de dentro para fora. Mas, como explica Fanon, as motivações para se desalienar são essencialmente diferentes se compararmos situações econômicas ou status social, como, por exemplo, o negro doutor em medicina e o negro que trabalha na construção do porto. O primeiro está alienado porque “concebe a cultura europeia como um meio para se desligar de sua raça”, o outro está alienado porque é “vítima de um regime baseado na exploração de uma raça por outra, no desprezo de uma parte da humanidade por uma civilização tida por superior”. (FANON, 2008, p. 185).

A solução para que o negro escape de seu complexo de inferioridade é ativar sua mente e seu inconsciente. A tomada de consciência é um primeiro passo que é fundamental e que significa muitas vezes para o negro deixar “cair as máscaras” que são as diferentes máscaras de imagens impostas pelo branco ou as máscaras da falsa imagem do branco que se dá o negro imitador. Deixar cair as máscaras e lutar.



Assim pudemos denotar através das leituras realizadas do clássico do autor que o primeiro passo para a liberdade é admitir a escravidão, o que nos torna não completamente livres, mas conscientes da escravidão, o que dá o primeiro poder de libertação porque o indivíduo é completamente escravo quando ele não reconhece que o seja, que o é. Quando ele diz: eu sou escravo, a cabeça dele começa a se libertar. A verdade liberta mesmo que seja a verdade que constata.

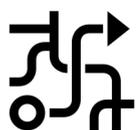
O indivíduo ou o sujeito não é liberto apenas quando fica livre de sua prisão mas ele começa a ser liberto quando constata o que o levou a esse aprisionamento, antes de ficar livre do processo de libertação, é necessário ficar livre num processo de constatação, pois se o sujeito não se constatar escravo e nem identificar as variedades de escravidões que o dominam não há possibilidade nem por onde começar a ser livre. Na alienação não existe libertação, por isso deve-se recorrer ao conhecimento, pois a liberdade pressupõe um conhecimento, portanto, um auto- conhecimento de si mesmo de que se é escravo. A partir disso abre-se os olhos e vive-se a libertação como tal, mas é preciso num segundo passo eu reconhecer minha libertação da escravidão, não tenho mais dívida, alguém pagou minha alforria.

Em 1952, ao revisar o texto de “Pele Negra, máscaras brancas” para a publicação, Fanon escrevera a seguinte frase:

Não levamos a ingenuidade até o ponto de acreditar que os apelos à razão ou ao respeito pelo homem possam mudar a realidade. Para o negro que trabalha nas carvoarias, plantações, construções, etc só há uma solução, a luta. E essa luta, ele a empreenderá e a conduzirá não após uma análise marxista ou idealista, mas porque, simplesmente, ele só poderá conceber sua existência através de um combate contra a exploração, a miséria e a fome. (FANON, 2008, p. 185).

A verdadeira desalienação do negro, como anuncia Fanon desde a introdução de “Pele negra, máscaras brancas”, “implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais”. (FANON, 2008, p. 28), por isso, não basta ao negro dizer que tem orgulho de ser negro. O autor entende que a negritude é um meio necessário para a emancipação do negro, mas não deve ser compreendida como um fim em si mesmo.

Para Fanon, a desalienação e a emancipação se dariam com a conquista da liberdade, uma conquista dura e violenta porque se a “liberdade lhes fosse dada, não haveria emancipação”. A conquista da liberdade não depende apenas de uma inversão de comportamentos identitários e psicológicos, como, por exemplo, ao afirmar a superioridade do negro sobre o branco. Fanon o coloca da seguinte maneira: “Para nós, aquele que adora



aos negros está tão 'doente' quanto àquele que o execra. Inversamente, o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco". (FANON, 2008, p. 26).

A única maneira de sair da dominação é destruir o sistema transformando suas bases, por isso, Fanon insiste, citando Marx, que "O problema não é mais conhecer o mundo, mas transformá-lo". (FANON, 2008, p. 33). E, o clipe *Hat-Trick* de Djonga, é um exemplo de como o negro pode se libertar, quando quebrar esse discurso no qual o branco, e todas as suas representações, deve ser um caminho a ser trilhado. A população negra não tem de usar máscaras brancas.

REFERÊNCIAS

CAMARGOS, Roberto. *Rap e política. Percepções da vida social brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2015.

FAUSTINO, Deivison Mendes. "*Por que Fanon? Por que agora?*": *Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar, 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeira. *Hip Hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social*. São Paulo: FACOM, 2007. n. 17.

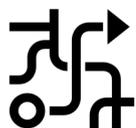
HERSCHMANN, Micael. O funk e o *Hip Hop* invadem a cena. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000. Janeiro e São Paulo. In: *Análise Social*. Lisboa, 2009. n. 192. p. 605-634. Livro - Disponível em: <http://www.hotsitespetrobras.com.br> Acesso em: 16 ago. 2019.

LOUREIRO, Bráulio Roberto de Castro. *Arte, cultura e política na história do rap nacional*. São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, no 63, 2016.

MOURA, Beatriz. *Djonga, o menino que queria ser Deus*. mar./2018. Portal Vice. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/ywqaby/djonga-menino-queria-ser-deus-entrevista. Acesso em: 26 ago. 2019.

SÁ, Simone Pereira de. *Som de preto, de proibidão e tchutchucas: o Rio de Janeiro nas pistas do funk carioca*. In: CUNHA, Paulo; PRYTHON Ângela (Orgs.). *Ecos urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 228-247.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som; as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.



ZENI, Bruno. *O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva*. Estudos avançados, USP, n. 18, São Paulo, jan./abr. 2004. Artigo disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em: 15 ago. 2019.

FONTES

DJONGA. Hat-Trick. In: DJONGA. *Ladrão*. São Paulo: Ceia Ent, 2019. Faixa 1. Spotify (4m19s).

_____. *Histórias da minha área*. São Paulo: Ceia Ent, 2020. Spotify (34m43s).

WELL MC (feat. Djonga). *Muito bem feito*. Minas Gerais: Estúdio RC 16, 2017. Spotify (4m17s).

Recebido em: 10/11/2020
Aprovado em: 05/12/2020